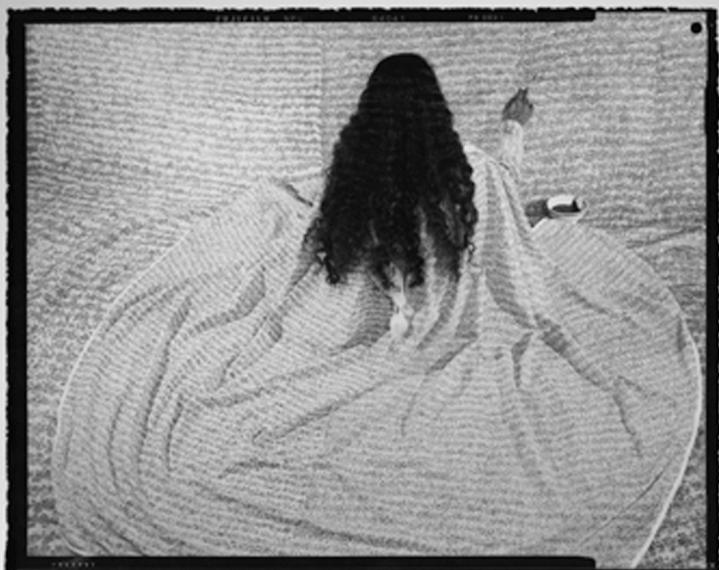


ZINECLIT@GMAIL.COM | CLITZINE.BLOGSPOT.COM
EM CONSTRUÇÃO

ÍNDICE

Backlash.....	03
Feminismo.....	07
Arte feminista.....	11
Mujeres Libres.....	12
Feminismo na Prática.....	16
Panicats.....	17
Clit Dicas.....	22
Mini Dicionário.....	26



Lalla Essaydi



BACKLASH DESMASCARANDO O CONTRA-ATAQUE ANTIFEMINISTA



A partir da definição do termo backlash enquanto "reação contrária", a jornalista e feminista Susan Faludi publicou o clássico "Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres" em 1991, nos EUA. Leitura essencial para feministas, essa obra analisa a onda conservadora que lutou para destruir as conquistas feministas da década de 1970, povoando os anos 80 de mitos que culpavam o feminismo pela suposta infelicidade das mulheres Americanas.

O lançamento do livro foi um escândalo e acabou com a reputação de vários intelectuais, médicos e colunistas dos principais jornais e revistas do país, revelando fraudes e estatísticas distorcidas após uma pesquisa vasta e rigorosa. Susan decidiu escrever o livro em 1986, ao desconfiar de uma reportagem na revista Newsweek segundo a qual "É mais fácil uma mulher de 40 anos ser baleada por um terrorista que se casar", e a partir daí encontrou as evidências de que precisava para denunciar os preconceitos e mentiras antifeministas que eram propagadas em áreas como jornalismo, publicidade, moda, beleza, livros, cinema, seriados de televisão, medicina, psicologia e políticas públicas.

É incrível como Susan nos prova com documentos e análises minuciosas que o feminismo não foi o responsável pela angústia da mulher americana dos anos 80. Com altas doses de irreverência, ela deixa claro que não foi a "igualdade" (ainda não alcançada) que deprimiu as mulheres, e sim a gigantesca pressão para deter, e até reverter a busca feminina da igualdade. Os setores conservadores do país dividiram a vida das mulheres em duas: trabalho e lar, e então disseram que este último era o único caminho para uma existência completa e satisfatória. Quando as mulheres, obviamente, resistiam a essa imposição, rapidamente sofriam punições psicológicas e materiais – que mais tarde eram estratégicamente atribuídas ao próprio movimento feminista.

"Se as mulheres americanas são tão iguais, porque representam, então, dois terços de todos os adultos pobres? Porque 80% das mulheres que trabalham em período integral ganham menos que 20 mil dólares por ano, porcentagem duas vezes maior ao número de homens pobres? Por que qualquer mulher com formação universitária continua ganhando menos que um homem que tenha apenas o curso secundário? [...] Se as mulheres são tão "livres" porque suas liberdades de reprodução estão mais ameaçadas hoje do que há dez anos? (Backlash pág.13)"



Convém explicar que o backlash não é uma conspiração, como um conselho secreto emanando ordens para destruir as feministas. Muitas vezes as pessoas envolvidas na onda não estão conscientes de seus papéis, ou até se consideram defensoras das mulheres. Seria até mais fácil culpar uma "elite" ou um grupo de pessoas pelos esforços em combater as conquistas femininas, mas trata-se de algo maior, um fenômeno que revela o medo generalizado da transformação social. Com a emancipação das mulheres, o papel da mãe e esposa submissas e o trabalho gratuito das mulheres nos lares aos poucos desaparecem, levando consigo a segurança da ordem social fundada no direito do homem sobre a mulher. É assustador para os privilegiados testemunhar a ascensão de suas subordinadas, como se lhes escapasse entre os dedos a servidão que julgavam natural e merecida.

É claro que é preciso contextualizar o estudo de Faludi na realidade dos E.U.A., mas o que ela fez por nós foi criar um conceito poderoso que nos serve como instrumento para denunciar as mentiras antifeministas que ainda são propagadas. Uma vez que nós conhecemos e nos apropriamos do termo BACKLASH, temos mais uma ferramenta para compreender nossa realidade, e assim identificar manobras desonestas que tentam culpar o feminismo ou as próprias mulheres e seus avanços pelos problemas enfrentados atualmente. O que Susan fez foi nomear o fenômeno da reação antifeminista que tentou mandar as mulheres americanas de volta para o fogão na década de 80, mas muito além disso, ela abriu nossos olhos para reconhecer a mesma situação em qualquer outro lugar do mundo, tornando o backlash parte do nosso vocabulário de militantes e pensadoras. Uma simples palavra carregada de significado político pode mudar completamente um ponto de vista, e depois de Faludi ler uma notícia ligeiramente incômoda na imprensa nos convida a uma análise bem mais aprofundada.

No Brasil, não temos uma publicação do porte de Backlash (1991), mas algumas notícias corriqueiras podem revelar que também enfrentamos pequenos golpes diários. Em um país considerado conservador, e que ao mesmo tempo assiste a mudanças na estrutura familiar, econômica da informação, é curiosa a ênfase dada a certas matérias.

Recentemente, testemunhamos um estupro veiculado ao vivo em um "reality show", e muitos veículos da imprensa se aprofundaram no tema e questionaram os limites éticos da mídia, se realmente havia ocorrido um crime e quais seriam as penalidades adequadas. Para ilustrar essa crítica, uma revista (Veja, 25.1.2012) veiculou na capa a imagem da moça que sofreu o abuso em uma posição bastante sugestiva – basicamente uma foto da bunda da participante obtida pelo programa de TV com a frase "Passou dos limites" estampada -, ainda que o conteúdo da matéria fosse voltado à responsabilidade da emissora. Qual a intenção? Nas entrelinhas, podemos entender que a mulher em questão, com sua exposição do corpo e liberdade "excessiva", é a responsável pela "decadência" do conteúdo televisivo ao nível do imoral e caricato, sendo ainda a real culpada pela violação do colega enquanto dormia.



CLIT – do grego kleitorís. Porque nada poderia ser tão nosso, tão íntimo e ao mesmo tempo tão político, cercado de tabus e ainda assim uma fonte inesgotável de inspiração e fôlego. Latejamos por mudanças, pulsamos de indignação e explodimos em novas possibilidades.

♀ i, querid@!

Este zine que você tem em mãos foi idealizado e produzido com muito carinho, na tentativa de aproximar o formato de publicações acadêmicas atuais do velho e bom zine faça-você-mesma. O objetivo do CLIT é se apropriar de conteúdos dentro da arena do feminismo e questões políticas relacionadas, trazendo para o cotidiano aquilo que chamamos de práticas teóricas.

Conciliar teoria e prática é um desafio e tanto, e duas mulheres feministas resolveram se arriscar nessa missão. Acreditamos que é preciso criar discursos que contestem nossas opressões, para então transformar a realidade, formando também a base necessária para nossas ações. Informação é poder, e este zine nasceu da vontade de compartilhar ideias e contribuir com a democratização do conhecimento.

O foco do zine, como já fica claro, são os feminismos. Dessa forma, entendemos feminismo como o conjunto de teorias e práticas não necessariamente convergentes, porém sempre focadas em propostas para a solução da subordinação das mulheres. Trataremos da extensa produção teórica e também dos movimentos de mulheres, com o devido enfoque libertário que marca o nosso posicionamento.

Como feministas, anarquistas e veganas, pretendemos ainda explorar os instrumentos que nos permitem analisar nossa realidade social, lançando mão de gênero, raça/etnia, espécie, sexualidade, classe, geração, etc. As publicações do CLIT estão situadas dentro do contexto brasileiro, visto através de um olhar feminista e libertário que analisa métodos para alcançar uma sociedade mais justa e igualitária, com as liberdades individuais asseguradas em harmonia com a coletividade.

Este zine representa a pecinha que nós podemos acrescentar nesse gigantesco quebra cabeça que é a luta pela transformação social, instigando a reflexão e o debate entre aqueles que compartilham as mesmas angústias.

Esperamos que você tire proveito da leitura,

As Editoras.

Relatando o mesmo caso, uma colunista de revista feminina (AnaMaria, 1.2012) chegou a afirmar que odiava mulheres promíscuas que desmaiavam após beber e que estupro já não é realmente uma preocupação (é, já podemos sair de shorts e regata em uma rua deserta sem qualquer preocupação, no máximo um assalto), para despertar tamanha indignação e pedir desculpa às feministas pois não concordava com a insistência delas sobre o tema. Nem vamos discutir como alguém pode odiar mulheres que bebem e são abusadas ao invés de odiar seus abusadores, pois isso é largamente explicado pela nossa cultura machista que culpa a vítima e acusa as mulheres de provocarem a violência sexista dos homens. Mas atentando à argumentação da jornalista, concluímos que a tal "libertação sexual feminina" foi um hediondo erro feminista que transformou a mulher em um ser vulgar, e, consequentemente, a fez merecer o estupro, a humilhação e o abuso.

Seriam as poucas conquistas da chamada Revolução Sexual (que na realidade é mera reforma) as culpadas pela violência sexual e o assédio contra as mulheres? Seriam a pílula anticoncepcional, o direito ao divórcio e à livre escolha d@s parceir@s afetivos os vilões que rebaixaram as mulheres ao status de presas sexuais? Conhecendo as estratégias do backlash, conseguimos perceber que na verdade a libertação sexual das mulheres ainda está distante de ser alcançada e que os avanços feministas estão apenas no começo, e que a culpabilização da participante do BBB e a patrulha conservadora sobre a sexualidade das mulheres são os verdadeiros sintomas do retrocesso político.

Outra observação que pode ser feita sobre a Veja (20.6.2012) é a respeito de uma publicação de sua seção de entrevistas, em que expõe a opinião de uma controversa filósofa feminista sobre a maternidade. De acordo com a entrevistada, a mulher hoje é obrigada a ser uma "super mãe", sendo um martírio seguir o que esperam dela: um modelo de dedicação, trabalho e doação, que abre mão da carreira pelo rebentos. Até aí, sem objeções. Entretanto, para embasar seus argumentos, ela afirma que essa situação se deve ao pensamento das feministas da década de 70 (?!), que são as mães da nossa geração. Em sua visão, as mulheres atuais buscam ser a antítese das suas geradoras, optando por uma vida "menos maçante" através da dedicação integral à maternidade, enquanto as mais velhas viveram de forma extenuante dividindo as responsabilidades entre a casa, o trabalho e a família. Em resumo, Bardinter acusa as feministas pelo mito da mãe perfeita com jornada tripla, alegando que tudo o que as mulheres querem hoje é ter tempo para se dedicarem à maternidade.

Bardinter é francesa, e aponta feministas do seu país natal como reproduutoras do discurso essencialista sobre a maternidade, se contrapondo a elas. É fato que algumas feministas que adotam discurso biologizante do materno podem colaborar para o mito da mãe perfeita, mas não é esse discurso o fator decisivo que influencia a realização da maternidade, e sim a estrutura social que não proporciona condições e suporte adequado para as mães. Se as mulheres não encontram tempo e espaço para terem filhos, é principalmente porque as leis trabalhistas não facilitam a tarefa, não há creches o suficiente e de qualidade e os pais não dividem o cuidado com as crianças conforme esperado – curiosamente as demandas do movimento feminista. Dessa forma, Bardinter se torna agente do backlash, generalizando e culpando o feminismo pela insatisfação feminina, sem considerar o contexto social e político das mulheres e sua origem na opressão.

5



Se você ainda acha que feminismo é o equivalente feminino do machismo e costuma proferir pérolas do tipo "nem feminismo, nem machismo!", por favor volte mais tarde (quem sabe na próxima edição a gente consegue desctrinchar pacientemente esse equívoco). Não que seja óbvio que o feminismo é um movimento político que combate as mais variadas formas de machismo em nome da libertação das mulheres, ao invés de uma suposta superioridade feminina insana, longe disso. A gente é que precisa ser mais didática.

Agora, se você já passou para o próximo level e agora espalha aos quatro ventos que "o contrário de machismo é o feminismo, e não o feminismo!", parabéns! Isso chega mais perto de fazer sentido e nós, feministas, agradecemos pelo carinho de nos separar dessas terríveis "feministas".

Mas, quem são essas tais "feministas"? E que teoria ultrajante é essa que, depois de anos e anos de sofrimento das mulheres, advoga por uma tirania feminina sobre os homens? Que hipócritas são essas que sofreram na pele a opressão e agora querem se vingar dos rapazes na mesma moeda?

Sorte a sua ter conseguido esse zine, porque agora vamos revelar para vocês quantas são, onde vivem e o que fazem as brutais FEMISTAS:



ZERO FEMISTAS, VIVENDO EM LUGAR NENHUM E FAZENDO PORRA NENHUMA.

Pois é. Que decepção, depois de uma árdua busca por redes feministas nacionais e internacionais, zines, fóruns, redes sociais, livros, não pude encontrar sequer uma feministinha destilando seu veneno misândrico por aí. Nem sinal do manifesto feminista, dos zines feministas, da história e agenda do feminismo. Em compensação, é fácil encontrar bastante gente especulando sobre o que seria o tal feminismo e quem são suas representantes.

Normalmente, cismam com as **feministas radicais**. De fato há tópicos polêmicos entre essas pensadoras, mas isso vai merecer um texto voltado especialmente para essa corrente. O que precisamos entender por enquanto é que a radicalidade do feminismo é baseada no conceito de retorno à raiz do problema, que nesse caso é a dominação do homem sobre a mulher, uma forma de opressão anterior a outras que conhecemos (que por sua vez não são menos importantes).

Ainda assim, são poucas as pessoas que de fato se dedicam a algumas leituras mais aprofundadas e propõem algum debate antes de sair **conceituando feminismo por aí**. Na realidade, tudo indica que esse termo, que não tem história nem representação, é um **neologismo inventado por não-sei-quem em um provável momento de groselhismo, com o objetivo de silenciar e ridicularizar feministas que de alguma maneira avançaram através de sua zona de conforto**.

Femista, nesse contexto, significa a "**feminista que ousou incomodar e aprofundar críticas**". Até vemos algumas feministas se apropriando da palavra como forma de enfrentamento, mas particularmente não achamos interessante tentar ressignificar um termo pejorativo que invalida práticas feministas - e que ganhou tanta popularidade ultimamente.



Por exemplo, parece que basta uma feminista falar em espaços exclusivos para mulheres, que já pode ser classificada como feminista porque "excluiu" os homens. Como se o objetivo dos grupos de mulheres fosse criar uma conspiração maquiavélica para estabelecer a supremacia feminina. Os homens não admitem ter seu acesso negado, não comprehendem a necessidade de locais seguros de convivência e apoio feminino para o fortalecimento e articulação da luta de mulheres. Em outras palavras, falta muita empatia masculina diante das opressões que sofrem as mulheres, e reconhecer que espaços exclusivos são essenciais para a superação desses problemas parece estar distante da compreensão deles, que sempre desfrutaram de seus espaços masculinos de interação.

No livro, Faludi cita diversos exemplos de como a ciência foi usada pela mídia para fortalecer as falácias que constituíram a base do Backlash, e podemos mencionar um exemplo muito interessante na mídia brasileira: a matéria *Mulher com nível superior fica mais solteira que homem*, publicada em 15.1.12 pela Folha de SP, citando como fonte dados do IBGE. Analisando a fonte e o discurso tendencioso na reprodução da notícia, percebemos claramente a tentativa de lucrar à custa do "medo de ficar para titia": Os dados citados, quando observados no relatório do IBGE, fazem referência a mudanças na constituição familiar, constatando que as mulheres com nível superior tendem a passar mais tempo solteiras, buscar companheiros com menor grau de instrução e assumir o papel de provedoras da casa.

Ao ser publicada na Folha, a pesquisa ganhou um enfoque diferente: pontuou a diferença numérica de mulheres e homens solteiros e com ensino superior, indicando que quanto menor a escolarização feminina, maior é a chance de ter um cônjuge. O jornal também optou por evidenciar que quando a mulher tem nível superior e o homem não, a relação pode ser abalada, já que a mulher não aceita mais um papel submisso e o homem pode ver seu posto de provedor da casa ameaçado. Não é preciso mentir para distorcer informações, nesse caso os dados são verdadeiros, mas a mensagem pode ser manipulada pelo veículo. O texto não faz questão de focar a maior quantidade de mulheres com ensino superior, apenas conduz nossa interpretação para um conselho típico do backlash: "segurem seus machos".

Trazemos esses exemplos para demonstrar a importância de uma leitura crítica sobre as mensagens que recebemos diariamente. Somos bombardeadas por opiniões que buscam justificar nossas angústias enquanto mulheres na sociedade, mas precisamos analisar profundamente as entrelínhas desses discursos para descobrir a quais interesses eles estão servindo. O feminismo não poderia de qualquer maneira ser bem aceito pelos grandes veículos da informação, pois gera receio e medo nas camadas conservadoras pelo seu potencial subversivo e pela profunda transformação social que a emancipação das mulheres representa. Cabe a nós identificar os sinais de backlash, conhecer noss@s inimig@s e fugir das armadilhas do refluxo antifeminista, desconstruindo as falácias que insistem em retroceder a luta contra o sexismo, pois não há verdadeira mudança social sem a garantia dos direitos humanos das mulheres.

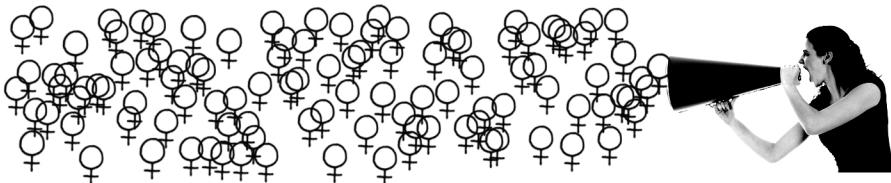
XXXX XXXXXX XXXXXXXX XXXXXXXX



Outro exemplo comum é quando as feministas criticam a exploração sistemática das mulheres através do tráfico sexual, pornografia e mercantilização dos corpos. Porque né, tudo bem discordar da violência doméstica, promover campanha anti-estupro, falar de descriminalização do aborto, contanto que o acesso dos homens ao corpo feminino esteja sempre garantido. Tranquilo lutar pela segurança das mulheres, mas questionar porque é tão excitante assistir a um vídeo pornográfico com simulação de estupro é proibido, beira a censura.

Tudo o que perturba os direitos inalienáveis da foda masculina e convida os moçoilos a analisarem a construção do próprio desejo é uma ameaça. Mas o problema é que intensa exploração sexual das mulheres, infelizmente, é uma demanda dos homens, e o feminismo tem seu mérito justamente por invadir e escancarar o privado, trazendo a público a intimidade e tornando a questão política. Triste saber que todos os tópicos "inconvenientes" são relegados ao "feminismo" em uma tentativa de tornar os problemas invisíveis.

Uma feminista é "femistigmatizada"¹ toda vez que ousa se levantar da sua posição conciliadora e tolerante para dizer "basta". Os entusiasmas do feminismo dócil esperam alcançar a sonhada "igualdade" mantendo seus privilégios intocáveis, deixando todo o trabalho de contestação das relações de gênero para as mulheres. "Que bom que as mulheres lutam pelos seus direitos, mas só não podem deixar de ser femininas. Queremos feministas lindas e cheirosas, louça lavada, carinho e compreensão, e boa sorte nas conquistas aí." Parece exagerado, mas é um discurso comum de se encontrar, nem sempre na forma de palavras, mas sim de atitudes.



O suposto discurso de superioridade feminina do "feminismo" não é apenas ridículo, mas inconsistente. É preciso considerar que as conquistas das mulheres são bastante recentes, que há muito pouco tempo éramos propriedades de maridos e cidadãs de segunda classe, e que muitas obras feministas da década de 60 permanecem assustadoramente atuais quando denunciam a opressão que nos atinge. Ainda somos vergonhosamente sub-representadas na esfera política, sofremos violência machista diariamente na forma de estupros, espancamentos e abusos diversos, executamos jornada tripla (emprego, família, trabalho doméstico), sofremos com a ditadura da beleza e da feminilidade subordinada, temos nossos corpos regulados por homens e muitos outros problemas que nos são impostos assim que nascemos com uma buceta entre as pernas. Dizer que é possível partir desse ponto da história e construir uma teoria de superioridade feminina é uma piada de péssimo gosto. É como se homossexuais se organizassem para exigir uma supremacia gay², dentro de um contexto social que ainda despreza e marginaliza minorias sexuais e de gênero, ou seja, não faz sentido algum.



Barbara Kruger



MUJERES LIBRES

MEMÓRIA ANARCA-FEMINISTA NA REVOLUÇÃO ESPANHOLA

Basta folhear um típico livro de História para encontrar grandes guerreiros, cientistas, governadores e suas conquistas e descobertas decisivas para a trajetória da humanidade. Ouvimos os nomes desses importantes figurões, vemos suas imagens em quadros, decoramos suas façanhas para as provas do colégio, mas poucas de nós percebem ou questionam a coincidência de que a esmagadora maioria desses líderes, heróis e mártires sejam homens.

Quem são as mulheres lembradas pela História? Joanna D'Arc, Cleópatra, Marilyn Monroe? Por que sabemos tão pouco sobre as mulheres que se organizaram e transformaram sua realidade social? Tod@s já ouvimos aquela velha frase de que os vencedores é que escrevem a História, e essa é a mais pura verdade. Em uma sociedade marcada pela estrutura patriarcal, é natural que a história das mulheres não tenha qualquer atenção, afinal durante anos bastava ser designada mulher no nascimento para enfrentar uma vida de opressão, subordinação e cárcere privado.

A função da História para nós é fundamental, pois é através da memória que encontramos nossas referências de luta e resistência, contextualizamos o presente e mantemos vivo o legado daquelas que nos inspiram. Apagar a história das mulheres é mais uma forma de nos manter desunidas, inertes e submissas, pois nos rouba a memória de todas que não aceitaram sua condição inferiorizada e brigaram por mudanças. Temos o direito de conhecer a trajetória dessas mulheres fortes, para enfim tomarmos consciência de que nunca aceitamos caladas os abusos cometidos contra nós. Em todas as épocas, mulheres se levantaram para combater o machismo, enfrentando todas as consequências – inclusive a morte. O mito da mulher frágil e passiva diante das exigências masculinas não deve mais fazer parte do nosso imaginário, e por isso é preciso resgatar a história de mulheres comuns que tiveram a coragem de enfrentar o preconceito e a ordem social vigente.

A **História no feminino** (em inglês, *Herstory*) é muito mais rica do que se pode imaginar, por isso escolhemos introduzir esse resgate apresentando o grupo anarco-feminista **Mujeres Libres**.



12

Acreditar que é possível um grupo historicamente oprimido se erguer acima de seus opressores com um discurso de ódio, em plena vigência da desigualdade, é um absurdo sem tamanho. Por isso afirmo que o "feminismo" é uma estratégia para desqualificar a luta feminista, ao invés de um conceito válido que realmente merece a nossa atenção. As pessoas que promovem o "feminismo" como ofensiva contra feministas "extremistas" provavelmente não conhecem nenhuma feminista ou sequer deram ouvidos a algo que tenha "feminismo" envolvido. Se houvesse uma legião de feministas que se excedem eu aceitaria o termo, mas o que está sendo visto como "excesso" é o mínimo de senso crítico esperado de um movimento que propõe uma revolução dos costumes, que é o fim da exploração e subordinação das mulheres e consequentemente o equilíbrio nas relações de gênero³.

Se para você feminismo "aceitável" é aquele que não incomoda, então você não conhece e/ou não apoia o feminismo. Considere que incomodar não significa perturbar gratuitamente ou se esquivar da auto-crítica, mas minimamente contestar a fundo as estruturas que sustentam o machismo e intervir de forma ativa e vigorosa nas práticas e discursos que legitimam a submissão das mulheres. "Feminismo" é uma tentativa pífia de prestar desserviço a uma causa histórica, e a última coisa que as feministas precisam é mais um obstáculo simbólico para silenciar suas denúncias e secundarizar a emancipação das mulheres. Antes de chamar alguém de feminista, pense que temos problemas graves, urgentes e reais atingindo metade da população mundial, e tente compreender que promover um termo pejorativo para aquelas que estão engajadas nessa luta é no mínimo uma grande sacanagem.

XXXXXX XXXXXXXXXX XXXXXXXXXX



¹excelente (-n) neologismo criado com feminismo + estigma

² Hoje caracterizada como " Ditadura gay" e "gayzismo" pela reação conservadora, nesse caso são termos análogos ao feminismo, pois buscam deslegitimar a luta das minorias sexuais e de gênero.

³Cabe aqui mencionar outras categorias de análise importantíssimas como raça, classe, etnia, orientação sexual, geração, etc., sem as quais não é possível compreender e combater a opressão em sua totalidade.

Imagine uma Revolução em que terras são expropriadas, fábricas e empresas se tornam auto-geridas pel@s trabalhador@s, a propriedade privada é combatida e um grupo de mulheres libertárias surge para transformar radicalmente o papel feminino na sociedade. A maioria das pessoas imagina esse cenário como utópico, mas poucas sabem que se trata de uma realidade ocorrida na década de 30 na Espanha, durante o processo que a maioria de nós conhece apenas como "Guerra Civil Espanhola". Muito além da guerra civil contra os fascistas, o processo da Revolução Espanhola é um marco do anarquismo na história mundial, sendo considerado um dos relatos mais surpreendentes sobre a experiência bem sucedida do anarco-sindicalismo.

Não é difícil entender porque esse curto período revolucionário entre 1936 a 1939 e o próprio grupo Mujeres Libres foram tão distorcidos e negligenciados. Em 1939 a ditadura do general Franco esmagou o movimento libertário, apagando todos os registros que mencionassem qualquer luta popular na história do país. Os partidos comunistas que dominavam o cenário político desde a Revolução Russa (1917) também não demonstraram interesse em preservar a memória da Revolução Espanhola, já que reivindicavam o título de única luta social legítima e rivalizavam com os anarquistas na época. Para as militantes do Mujeres Libres foi ainda mais difícil resistir ao obscurantismo histórico, já que ambas as historiografias, tanto a da direita oficial quanto a dos comunistas, eram baseadas no sujeito masculino universal – invisibilizando a participação das mulheres.

Por sorte, após o fim dos 40 anos de regime franquista, tivemos acesso à incrível história das Mujeres Libres. A organização surge em 1936, às vésperas da eclosão da guerra civil e do levante popular, na Catalunha. Suas fundadoras foram três combativas anarquistas: a advogada Mercedes Comaposada, a jornalista e poetisa Lucia Sanchez Saornil e a médica pediatra Amparo Poch y Gascón, todas já atuantes na militância de esquerda e com claros ideais feministas. Na época as mulheres espanholas viviam um período de extrema repressão social, subordinadas aos pais e maridos e com pouquíssima participação política, e apesar das críticas dos anarquistas às instituições como Igreja e Família, na prática a situação feminina continuava longe de parecer justa.

A história costuma se repetir dentro dos movimentos revolucionários, que entoam belíssimos discursos contra o machismo e a opressão feminina, mas na realidade cotidiana continuam a reproduzir velhos preconceitos e limitar o acesso das mulheres à esfera política. O grupo Mujeres Libres surgiu justamente da necessidade de pautar com força a questão da mulher na Revolução, já que não havia espaços de reflexão e formação que atentassem às condições específicas das mulheres.

O crescimento da organização foi muito rápido, contando com a adesão de milhares de mulheres por toda a Espanha organizando-se em grupos locais. Muitas eram operárias analfabetas, outras autodidatas, e algumas se formaram nos ateneus libertários. O objetivo das Mujeres Libres era mudar as condições de existência das mulheres pobres da Espanha, capacitando-as para o trabalho e a vida pública, retirando todas do confinamento doméstico e libertando-as dos dogmas religiosos, permitindo assim que enfim participassem da vida social, política e cultural em plena efervescência.



Seriam necessárias muitas linhas para descrever as ideias revolucionárias das Mujeres Libres, por isso resumimos alguns dos principais pontos explorados pelo grupo através de trechos dos textos originais publicados na revista:

Machismo na militância: "[...] é compreensível que o homem queira conservar sua hegemonia e sinta-se satisfeito por ter uma escrava, como o burguês defende sua situação e seu privilégio de mundo. [...] Você pode conceber um burguês dizendo que há que emancipar os trabalhadores? Pois se você acredita que o anarquista, enquanto homem, pode oprimir a mulher, tal como o burguês o assalariado, então será absurdo ouvi-lo gritar 'há que emancipar a mulher. E se gritar, como não dizer-lhe "comece por você mesmo?"'

Maternidade: "Em nome da mãe, quer-se excluir a mulher, quando se pode ter a mulher e a mãe."

Democracia: "É que a democracia, que se intitula a si mesma regime da liberdade, se esqueceu de assegurar-se a própria liberdade, deixando em pé o mais substancial dos antigos regimes: o privilégio."

Machismo, Classismo, Racismo: "O fato é que muitos homens parecem convencidos de que a mulher prefere seguir vivendo em sua posição de inferioridade. Também se dizia que o negro estava encantado por ser propriedade do dono da plantação. Mas o certo é que não pode existir uma verdadeira emancipação enquanto subsista o predomínio de um indivíduo sobre o outro, ou de uma classe sobre a outra."

Prostituição: "A tarefa mais urgente a se realizar na nova estrutura social é a de suprimir a prostituição. [...] Que não se reconheça a decência de nenhuma mulher enquanto não pudermos atribuí-la a todas. [...] Não é problema delas, senão nosso, de todas as mulheres e de todos os homens. Enquanto isso existir, não se poderá chegar à sinceridade no amor, no afeto, na amizade, na camaradagem."

Amor Livre: "Tenho, sim, um teto amável para resguardá-lo da chuva e um leito para que você descanse e me fale de amor. Mas não tenho Casa. Não quero! Quero amar no extenso do "além" que não fecha nenhum muro, nem limita nenhum egoísmo."

Beleza: "A mulher será bela quando sua expressão superficial corresponder ao seu conteúdo íntimo e tanto mais bela, quanto mais intenso for esse seu eu. Por isso, não se pode prendê-la para guardá-la em caixinhas de ruge (blush)."

Sexo: "Outra vez resistir? E essas ilusões que se sentem palpitar? A mulher morde os lábios e espera. Está tão ensinada a esperar, que agora dizem que é fria. Mas o homem tem um caminho aberto pela mesma moral que lhes impede a solução lógica: a prostituição. E essa moral, que separa dois seres unidos por amor e desejo, que proíbe sua posse com puritanismo hipócrita, leva-o às portas do prostíbulo."

Hoje as militantes ainda vivas do grupo recordam com muito carinho a experiência das Mujeres Libres e os profundos laços de união e camaradagem que existiam entre aquelas mulheres. Nós, brasileiras, pudemos ter acesso a essa trajetória fascinante a partir da riquíssima pesquisa das historiadoras Margareth Rago e Maria Clara Bajoli, que viajaram até a Espanha para conhecer essas adoráveis senhoras e reviver seus valiosos documentos da Revolução. O resultado desse trabalho minucioso foi o livro **"Mujeres Libres da Espanha: Documentos da Revolução Espanhola"**, lançado pela Editora Achiamé em 2007, uma obra recheada de detalhes surpreendentes que nós do CLIT recomendamos a todas as mulheres como uma forte inspiração para a luta feminista e anarquista.

XXXXX XXXXXXXXXXXXXXXXX

"Queremos escribir de nuevo la palabra MUJER!"
Himno de Mujeres Libres (1937)



E você, mulher que nos lê, também não tem vontade de reescrever a palavra MULHER?

FEMINISMO NA PRÁTICA



VOCÊ NÃO É OBRIGADA A SORRIR PRA NINGUÉM. EXPERIMENTE SENTAR DE PERNAS BEM ABERTAS, É CONFORTÁVEL. CORRA COM O OBJETIVO DE CHEGAR MAIS RÁPIDO, SEM SE PREOCUPAR COM A APARÊNCIA DESAJEITADA DOS MOVIMENTOS. NÃO TENHA RECEIO DE GRITAR, SE PRECISO FAÇA SUA VOZ ECOAR POR VÁRIOS QUARTEIROS. FALE PALAVRÓES QUANDO TIVER VONTADE. QUANDO SENTIR COCEIRA, SIMPLESMENTE COCE. APÓIE SEUS COTOVELOS EM TUDO. ESPREGUICE LENTAMENTE E ESTALE TODOS OS OSSINHOS DOS DEDOS. SE ALGUÉM ESTÁ PRÓXIMO DEMAIS E ISSO INCOMODA, ENCARE ESSA PESSOA E OCUPE SEU ESPAÇO COM O CORPO. EM CASO DE AGRESSÃO, DEFENDA-SE COMO SE A SUA VIDA ESTIVESSE EM RISCO. SE ESTIVER ANDANDO NA RUA E SE SENTIR CONSTRANGIDA/AMEAÇADA POR ALGUÉM OU UM GRUPO, OLHE TODOS NO FUNDO DOS OLHOS E RESPIRE FUNDO, MEXA SEUS BRAÇOS, PISE FIRME E CONTRAIA SEUS MÚSCULOS. SAIA SOZINHA, DESFRUTE DA SUA PRÓPRIA COMPANHIA. SE ALGUÉM TE ABORDAR E VOCÊ NÃO QUISER CONVERSA, PEÇA COM FIRMEZA PARA QUE SE RETIRE, EM SEGUIDA IGNORE E EM ÚLTIMO CASO ENXOTE (AOS BERROS, SE PRECISO). VOCÊ NÃO PRECISA CEDER ESPAÇO A QUEM NÃO QUER POR PERTO, NEM ACEITAR COAÇÕES. LEMBRE-SE: A "FEMINILIDADE" É UMA MENTIRA QUE COLOCA SUA INTEGRIDADE EM RISCO E PREJUDICA SUA AUTONOMIA, REJEITE A VULNERABILIDADE.

NÃO É SEMPRE NÃO,

É NUNCA UM "TALVEZ".



Entre as principais atividades das Mujeres Libres, destacamos a criação de cursos de capacitação das operárias, cursos de alfabetização e profissionalizantes, centros de assistência médica e educação sexual, creches, *liberatórios de la prostitución* (casas que atendiam prostitutas em busca de novas oportunidades e orientação), além de espaços como a revista Mujeres Libres, em que puderam refletir e disseminar uma nova cultura feminista entre as militantes do anarquismo.

É importante observar a posição do grupo Mujeres Libres sobre a necessidade de formar agrupamentos exclusivamente femininos: "sabemos por experiência que os homens, por muita boa vontade que tenham, dificilmente atinam com o tom preciso". A maioria dos revolucionários homens acreditava firmemente que a Revolução política levaria ao fim da opressão sexual, colocando em segundo plano a questão das mulheres na agenda do movimento. Ainda hoje as mulheres que buscam atuar em espaços políticos enfrentam o mesmo problema, encontrando imensas dificuldades para inserir a situação da mulher nas discussões de grupos mistos. Infelizmente, é comum que os homens sejam mais ouvidos, mais respeitados e ocupem a maior parte das posições de liderança, e como nem sempre os companheiros são capazes de reconhecer seus privilégios e dar voz às mulheres, a melhor saída é a organização autônoma inteiramente feminina.

Mas não foi sem resistência que essas bravas anarquistas conseguiram unir as espanholas. Apesar de ser um grupo autônomo e sem ligação oficial com outras organizações, Mujeres Libres declarou-se identificado com a CNT (Confederação Nacional dos Trabalhadores) e a FAI (Federação Anarquista Ibérica), as principais entidades anarquistas que controlavam o movimento revolucionário na época. Mal sabiam as militantes que levariam um banho de água fria dos camaradas, pois esses grupos políticos se recusaram a reconhecer o Mujeres Libres, acusando o grupo de "separatista" e temendo que pudesse cooptar as jovens militantes anarquistas. Mesmo diante das fortes tensões, em 1937 surge a Federação Nacional de Mujeres Libres, com 153 agrupamentos locais por toda a Espanha. A demonstração de força das militantes garantiu ainda que os companheiros da CNT e FAI continuassem cedendo importante apoio econômico à organização feminista – embora tenham frustrado as militantes fundadoras com sua desconfiança.

É surpreendente notar como as Mujeres Libres se encontravam à frente de seu tempo nas reflexões feministas, desafiando os modelos vigentes de feminilidade, combatendo as hierarquias sexuais, defendendo o amor livre, a maternidade consciente e os direitos de acesso à cultura, trabalho e educação. Quase 20 anos após a conquista do voto feminino pelas sufragistas, quando boa parte do movimento feminista ainda se encontrava na luta por direitos civis básicos e bem antes de Simone de Beauvoir, essas mulheres ousaram explorar temas absolutamente proibidos como a liberdade sexual, a prostituição e os modelos de feminilidade. Isso em plena Espanha católica, ultraconservadora e machista, em que a liberdade da mulher era associada à degradação moral e a única imagem permitida era a da boa mãe santificada.



SERIAM AS PANICATS N OSSAS INIMIGAS?



Hoje em dia é impossível ser mulher e não experimentar na pele os efeitos devastadores da chamada "ditadura da beleza". Amplamente discutido por várias feministas, o mito que reduz mulheres à sua aparência física em função da satisfação masculina permanece firme e forte, sustentando o machismo e a exploração das mulheres e seus corpos. Estamos cercadas por todos os lados com padrões inatingíveis e referências mutiladas do corpo feminino idealizado, e somos inundadas por um sentimento de fracasso cada vez que nos damos conta de que não vamos atingir as tais formas "perfeitas". Seios fartos, cinturas esculpidas, bundas avantajadas e bucetas rosadas são imagens que nos bombardeiam todos os dias, acompanhadas de longos cabelos e um arsenal completo de maquiagens, saltos enormes, micro-vestidos e outros adereços construídos enquanto "femininos". Isso sem mencionar a predominância de modelos brancas em uma sociedade de maioria negra e parda. É dentro desse contexto que vemos surgir o fenômeno das Panicats, Mulheres-Fruta e outras categorias de garotas que são reduzidas à função decorativa enquanto os homens protagonizam a comunicação social na mídia.

Um dia fomos levadas a acreditar que tirar as roupas seria um passo adiante na emancipação das mulheres, já que a moral conservadora da época seria de fato abalada por mini-saias rebeldes e biquínis cavados. Assim nos venderam a "Revolução sexual" dos anos 60, uma série de reformas que enfim permitiriam às mulheres que desfrutassem de sua sexualidade livremente. O problema é que a suposta liberdade consentida teve um preço muito alto: De mulheres recatadas e submetidas sexualmente aos maridos no privado, passamos a ser julgadas no espaço público, sofrendo com os mesmíssimos estereótipos de putas e santas que já existiam. Basicamente nos disseram que poderíamos ser livres para tirar a roupa, contanto que continuássemos disponíveis sexualmente para os homens, algumas enquanto esposas de moral exemplar (dama na rua, vadia na cama) e outras no papel de mulheres "fáceis", "vagabundas" que serviriam apenas para o sexo casual. No fim das contas, não nos deram merda de liberdade alguma, pois nossa sexualidade continua sendo um tabu e quando ficamos nuas somos vistas como objetos de consumo ao invés de mulheres empoderadas e livres. "Você pode se libertar, querida, quero você bem liberta e rebolando no meu pau"- o Feminismo mansinho que os homens gostam.

Embora as mulheres ainda enchem o bolso da indústria da beleza e os consultórios de psicólogxs em busca dos modelos de beleza vigentes, podemos dizer que estamos mais críticas (leia-se, mais furiosas) em relação a esses padrões violentos ultimamente. O problema é que estamos atirando o motovelho na direção errada.

Nesse caso, os homens, criados desde a infância para enxergar mulheres como presas sexuais, se acham no direito de ter corpos femininos ao seu dispõe o tempo todo. A pseudo-ciência tenta nos conformar dizendo que os homens são "naturalmente" predadores sexuais vorazes, que apenas seguem seus "instintos", mas vivemos em uma sociedade que já superou essas falácias e vive muito distante da natureza dos animais não-humanos - e dos discursos médicos ultrapassados que tentam justificar o poder masculino. O fato é que tanto mulheres quanto homens possuem desejo sexual, o que torna tão diferente a expressão desse desejo é a opressão das mulheres e a profunda desigualdade de gênero. Em resumo, somos criadas para servir, oferecer e agradar enquanto eles são criados para exigir, dominar e conquistar. Em um cenário como esse não tem como falar em igualdade mesmo, e fica fácil para os marmanjos justificarem seu apetite por mulheres extremamente sexualizadas, dóceis, silenciosas e submissas à suas vontades. Muito se fala sobre mulheres que começam a objetivar homens também, mas um abismo cultural separa o poder de cada sexo na hora de controlar a situação. Um homem que transa com muitas mulheres ainda é o garanhão enquanto a mulher que transa com vários ainda é a vagabunda violada, por mais que ela tente inverter o quadro - sozinhxs não somos mais fortes do que os pilares do sexism.

E se tem algo que colabora ainda mais para manter esse terrível privilégio masculino, é a **rivalidade feminina**. Quando acusamos as outras mulheres pela situação, não apenas ignoramos a participação dos homens, como seguimos o roteiro completo do patriarcado: criamos novamente as mulheres "dignas" e as "indignas", disputando com as outras a atenção dos homens através de papéis estúpidos de como deve ser a mulher. No caso das Panicats, por exemplo, ignoramos a raiz do problema, que é o fato de alguém ter criado aquele cargo especificamente para mulheres. Só existem papéis como esse na televisão porque é o que os homens querem ver, então eles apresentam essas posições como "oportunidades" para jovens mulheres seguirem uma carreira na mídia. Ao mesmo tempo em que os caras endeusam essas mulheres e tentam a todo custo trepar com elas, pelas costas xingam de vagabundas e reduzem a um pedaço de carne. Parece justo ou honesto enaltecer as mulheres "gostosas" e tratá-las de forma desumana em seguida? Será que é tão bom assim ter a atenção dos homens? No próprio Pânico na TV existem várias denúncias de prostituição e assédio sexual contra as assistentes de palco, e o programa não faz questão de esconder o papel que reserva às mulheres. Em entrevistas com as Panicats, a maioria afirma que vê nesta posição um "trabalho temporário", querem ser atrizes, jornalistas, comediantes - ou seja, elas têm a consciência de que a venda do corpo, apesar de banalizada, é algo pouco recompensador.

Observando outras mulheres da televisão brasileira, vemos algumas que ganharam fama através dos maridos, outras saíram do BBB, mas a maioria parece ter começado a carreira como "modelo" - algo que abrange desde a garota que posa para a Sexy até a estrela da passarela. O que elas têm em comum é que tiveram que usar a beleza física para buscar o seu lugar. Claro que existem aquelas que batalharam muito para construir uma carreira, mas mesmo boa parte delas se renderam aos ensaios sensuais e seus cachês polpidos.



Não parece justo culpar as mulheres por aceitarem esses trabalhos tipicamente "femininos", considerando que desde pequenas somos estimuladas a buscar o dinheiro, a fama, a admiração, a vida de celebridade. Não parece sensato culpar uma Geisy Arruda por aproveitar seus cinco minutos de fama, mesmo após uma agressão machista, pois tudo o que uma garota de classe baixa poderia desejar é uma bela capa de revista, muitos elogios e enfim seu reconhecimento enquanto "mulher": bela, sexy e desejada. Primeiro ensinamos nossas mulheres a seduzir, encantar e excitar, e depois que elas cumprem com sua "função" de fêmea xingamos de putas, aproveitadoras e indecentes. Pior ainda é dizer que essas moças da TV não "trabalham" e são "folgadas", como se fosse fácil manter um corpo escultural e um sorriso estampado, contando as idas à clínicas de estética, cirurgia plástica, malhação, dieta, treinamento para coreografias, feiras, e aguentando todo tipo de cantada grosseira, assédio e proposta indecente.

Acreditamos que faz muito mais sentido desconstruir esse sistema que coloca as mulheres em posições de exploração do corpo do que atacar a moral de algumas moças e alimentar a misoginia. Talvez direcionar nosso olhar crítico para os Emílios Suritas da vida, e para os homens ao nosso lado que chamam as Panicats de vulgares na nossa presença e quando viramos as costas dizem que deveríamos ter um corpo parecido com o delas. Se as mulheres estão rebolando nuas na TV com tamanha frequência, só pode existir um público muito dedicado a consumir essas representações. Seriam Jujus, Andressas, Nicôles, Danis, Sabrinas nossas verdadeiras inimigas? São estas mulheres as responsáveis pela indústria que lucra com nossas imagens deturpadas? Assumimos que essas moças conseguem certo privilégio (financeiro) através desses cargos, mas a que preço? Por que são oferecidas grandes quantidades de dinheiro pelo corpo das mulheres, quantias muito superiores à remuneração do trabalho intelectual? Se são elas quem escolhem, porque não há homens nus na mesma proporção entretenendo mulheres? É fácil apontar o dedo e julgá-las, exigir que em pleno capitalismo selvagem sejam pessoas virtuosas e resistam ao dinheiro que vai resolver suas vidas - dinheiro que ainda é considerado legal e honesto. Talvez muitas de nós despejemos nossa raiva nas Panicats por uma dose de revolta e frustração, pois elas ousaram corresponder àquele maldito padrão e somos pressionadas para seguir seu exemplo, mas na realidade estamos no mesmo barco que elas.

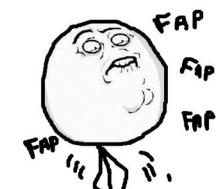
**NÃO SOMOS PEITOS, BUNDAS,
BUETAS E COXAS
PENDURADAS NO SEU
AÇOUGUE, SOMOS MULHERES
INTEIRAS, HUMANAS E NOSSO
CORPO NOS PERTENCE.**



As mulheres estão sentindo o peso da injustiça cometida contra elas toda vez que um novo padrão é imposto, toda vez que são avaliadas unicamente pela sua beleza e assediadas de diversas maneiras. Mas a tendência tem sido acusar as próprias mulheres que rebolam, dançam de biquíni, posam nuas, se prostituem, ou servem de qualquer maneira a essa lógica machista. "É por culpa de mulheres como essas que não somos levadas a sério, essas vadias" se tornou um discurso clichê na boca da mulherada, que descontam suas frustrações em forma de raiva das "traidoras" da classe. Enquanto isso se multiplicam as revistas com mulheres nuas, as assistentes de palco gostosonas, a pornografia e as intervenções estéticas que tornam possíveis esses corpos plastificados e exagerados - tudo em nome da fantasia masculina. Será que a solução é que todas essas mulheres peladonas "tomem vergonha"? Temos que fatiar a "melancia", a "jaca" e a "maçã" e jogar tudo na cara das Panicats?

Como sempre, e não podemos nos culpar por isso, esquecemos de um personagem nessa história. Por que existem mulheres peladas, cirurgicamente alteradas e esfregando suas bundas em nossas telas insistenteamente? Quem é que precisa de peitões turbinados, novinhas, cachorronas, periguetes, enfermeiras vadias e princesas safadas? A resposta está bem ao seu lado: nossos amigos e companheiros homens são diretamente responsáveis pela demanda da mulher-objetificada. Claro que não estamos falando de invidíduos isoladamente, como se cada um planejasse conscientemente boicotar as mulheres, estamos falando de uma lógica machista que perpetua e justifica comportamentos misóginos, tornando aceitável que um homem enxergue sua companheira mulher como um objeto a ser apropriado, contemplado e explorado. Pior, o sexism internalizado em cada um de nós leva até mesmo as mulheres a reproduzirem valores machistas, consentindo a própria subordinação e policiando outras ao redor. É certo que em alguma medida cooperamos com essa lógica, mas temos que atentar para quem está sendo servido e beneficiado em primeiro lugar, e fica claro que são os homens os interessados na sujeição sexual e no acesso irrestrito ao corpo feminino.

É importante deixar claro que não estamos reafirmando o binarismo sexual que divide o mundo entre homens e mulheres, categorizados pelos mitos do gênero feminino e masculino. Homens e mulheres, coisas de meninos e coisas de meninas são meras construções sociais, ninguém nasce com uma essência inata correspondente a um pênis ou a uma vagina. Não existe qualquer natureza humana definida pelo biológico que torne os homens "algozes" e as mulheres "vítimas", mas um sistema que podemos chamar de patriarcado que, aliado ao capitalismo, concede privilégios históricos e sociais aos homens e subordina e mercantiliza as mulheres de acordo com seus interesses. Esse assunto vai longe, por isso vamos partir desse ponto de desigualdade atual nas relações entre homens e mulheres, reconhecendo que existe a dominação masculina e entendendo como podemos combatê-la (tanto mulheres quanto homens).



Nós do CLIT gostaríamos que toda a raiva acumulada pelas mulheres se voltasse contra as estruturas que nos mantêm objetificadas, contra o machismo, contra os cafetões, aliciadores, exploradores e outros agentes que celebram a sujeição feminina. Porque quando chamamos as outras mulheres de vadias e as culpamos, estamos reforçando a lógica que opprime a nós mesmas. Há uma certeza nessa sociedade patriarcal: todas, em algum momento da vida, teremos nossa conduta sexual reprovada e estigmatizada. Somos todas chamadas de vagabundas, todas cobradas para ter um corpo perfeito e seduzir homens, e ao mesmo tempo pressionadas para manter um falso recato - entre outras contradições que nos deixam confusas, perdidas e deprimidas. Infelizmente essa é uma das questões em que dificilmente teremos o apoio dos companheiros homens, pois se trata de um privilégio que a maioria deles não está disposto a reavaliar. É por isso que precisamos nos unir, deixar nossos preconceitos de lado e fortalecer os laços entre mulheres, reconhecendo umas às outras como aliadas na luta para destruir o sexismo. Só assim nós poderemos tomar de volta o controle sobre nossos corpos e sobre como eles serão representados, transformando radicalmente os papéis sexuais para uma sociedade mais justa e igualitária.

Combatemos a estúpida categoria de "Panicats", não as mulheres submetidas a ela.

XXXX XXXXX XXXX XXXX XXXX



Barbara Kruger

LINKS

FACEBOOK

Grupo Feminismo Radical (aberto p/ mulheres): O grupo é pioneiro em propor discussões a partir de uma perspectiva feminista radical, corrente atualmente bastante negligenciada, mas com muito a agregar. Discussões abrangentes, visões distintas, muita informação e experiência. Para participar, pesquise pelo nome do grupo.

BLOGS

<http://politica-sexual.blogspot.com.br/> : Excelente blog feminista com foco na corrente do Feminismo Radical.

<http://blogueirasfeministas.com/> : Portal escrito por diversas feministas de diferentes linhas de pensamento, tratando de atualidades e discussões dentro do próprio feminismo.

<http://anastacialivre.blogspot.com.br/> : Coletivo feminista libertário da Zona Leste de São Paulo, autônomo e apartidário, que trabalha com ações focadas na formação teórica das militantes, promoção de atividades abertas junto à comunidade e convergência com outros grupos e atividades de interesse comum. Debate a questão da mulher nos mais variados espaços, com os recortes de gênero, classe e etnia.

SITES

<http://www.cimsp.com.br/> : Centro de Informação da Mulher, possui um dos maiores acervos sobre mulheres da América latina, com fotos e documentos que retratam a história da mulher, além de manter projetos artísticos, debates e outros espaços para a discussão.



<http://www.bibliotecafeminista.org.br/> : Ótimo acervo online de artigos feministas, com downloads gratuitos.

http://www.ieg.ufsc.br/revista_detalhe.php?id=3 : Download de todas as edições do periódico acadêmico **Estudos Feministas**, da UFSC, uma das publicações de gênero e feminismo mais completas e respeitadas do país.

MÚSICA

DIRT - PUNK ANARCAFEMINISTA



DIRT (Death is Reality Today) foi uma banda anarcho-punk com vocal feminino do Reino Unido. Formada em 1980, a banda costumava tocar junto com o Crass, e lançou seu primeiro EP, o clássico **Object, Refuse, Reject, Abuse** pela própria **Crass Records**. Os integrantes da banda também fizeram parte de bandas como Flux of Pink Indians e Scent Of Kill. DIRT se destaca pelas letras fortemente políticas e especialmente pela temática feminista, explorada de forma contestadora por sons como "**Deaf, Dumb and Male**", confira a letra:

You think because I'm women I'm at your beck and call you try to degrade me humiliate and ridicule. Your cat calls fall on deaf ears, you do not compliment I wont be at your mercy, this body's not for rent. Deaf dumb & male in society. Deaf dumb & male wont you listen to me. Deaf dumb & male its time for change. Deaf dumb & male 'cause things cant stay the same. You macho men don't thrill me, the approach you use is stale will you never learn I am strong I am female. We have come from out the kitchen the chains we've left behind We don't need your permission do you think were blind? To boldly go where few men have rarely gone before stand alone stand apart from your friends you must ignore. But you do not surprise me, this society feeds you crap but when you have a daughter it'll end up in your lap. You can change this system by starting with yourself and if you change the rules the game will change itself.

Você pode baixar o EP **Object, Refuse, Reject Abuse** pelo link:
<http://www.mediafire.com/?jynt3zznjyt#1>

Baixe mais álbuns também aqui:
<http://pankerijada.blogspot.com.br/2009/11/dirt.html>



CLIT DICAS

FILME: LIBERTÁRIAS - Vicente Aranda, Espanha-Itália-Bélgica, 1996.

Filme que retrata parte da participação do grupo Mujeres Libres na Guerra Civil Espanhola, acompanhando a jornada de uma freira que é obrigada a fugir do convento quando a cidade é tomada pelos anarquistas e acaba se envolvendo em um grupo de revolucionárias que inclui uma prostituta, uma coxa e três "Mujeres Libres" (Amparo, Pilar e Mercedes) em busca do reconhecimento da capacidade de guerrearem pelo que acreditam. É um épico tenso e ao mesmo tempo divertido sobre a participação feminina nessa última "guerra idealista", que pode ser bem refletido no trecho transcrito, proferido no filme por uma das Mujeres Libres:
"Não entendemos porque a Revolução tem de ocorrer a cargo de metade da população apenas. Somos anarquistas. Somos libertárias. Mas também somos mulheres e queremos fazer a nossa Revolução. Não queremos que façam por nós. Não queremos que a luta se organize à medida do elemento masculino, porque se deixarmos que seja assim, estaremos, como sempre, f**idas. Queremos dar tiros para poder exigir a nossa parte na hora da partilha. E, sobretudo, queremos deixar bem claro que, nestes momentos, o coração não nos cabe no peito... E seria um desatino ficarmos em casa a fazer tricô. Queremos morrer. Mas queremos morrer como homens. Não viver como criadas."

LIVRO: O Segundo Sexo - Simone de Beauvoir, França, 1949.

O primeiro volume do Segundo Sexo é um clássico indispensável para compreender o feminismo. Lançado em 1949, em plena efervescência da chamada segunda onda feminista, o livro da francesa Simone de Beauvoir foi pioneiro em analisar profundamente a condição da mulher na sociedade a partir de uma perspectiva existencialista - derrubando os mitos que até então essencializavam as mulheres e as limitavam a um papel natural e biológico.

A obra é dividida em capítulos que desconstróem os discursos sexistas nas mais diversas áreas do conhecimento, passando pela História, Psicanálise, Biologia e Medicina, contrapondo os mais renomados autores da época e causando grande impacto na academia. Ainda hoje é essencial que as feministas leiam O Segundo Sexo, porém sempre levando em consideração o contexto em que foi escrito, já que no decorrer do texto encontramos alguns conceitos científicos atualmente superados.

De qualquer forma, Beauvoir eternizou neste livro sua célebre frase "Não se nasce mulher, torna-se", um marco importantíssimo para a compreensão do sexo/gênero enquanto categoria construída, e não um dado natural e imutável dos seres humanos - possibilitando assim que lutemos por uma sociedade igualitária.



HUMOR

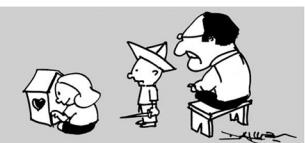
**PORQUE FEMINISTA TEM SENSO DE HUMOR, SIM.
CHEGA DE HUMOR REACIONÁRIO.**

AS MAIS BELAS FANTASIAS MASCULINAS



- Venha, hoje vamos transar dentro de um tanque de guerra cheio de cerveja e dinheiro.

O QUE SEPARA OS HOMENS DOS MENINOS



- Apenas destrua a casa, você não tem idade para estuprar ninguém.

FEMINISM
ENCOURAGES WOMEN TO

LEAVE their husbands,
KILL their children,
PRACTICE witchcraft,
DESTROY capitalism and
BECOME lesbians.

- Pat Robertson

LIBERDADE NO CAPITALISMO



Neste zine você encontrará um broche com dois signos:

♀ - **Símbolo do feminino (Vênus):** apropriado pelo feminismo, é o escudo do movimento.

▼ - **Triângulo preto:** Um dos emblemas utilizados pelos nazistas para diferenciar os prisioneiros de acordo com seus "crimes", era associado a pessoas consideradas "insociáveis", categoria de grande abrangência. A identificação incluía ativistas políticos, criminosos, drogados, prostitutas, lésbicas e doentes mentais. Virou um símbolo político dos marginalizados, com destaque para a apropriação pelas lésbicas, que o revestiram de um caráter de luta contra a discriminação, e pelos anarquistas, que o usam como símbolo político de sua luta.

A união desses dois símbolos é uma representação das ideias que o CLIT procura promover como zine: acreditamos que a luta feminista não pode negar a conjuntura política no seu discurso, e também que outras lutas populares devem encontrar no feminismo uma base essencial para as propostas de mudança da ordem social.

Neste zine você encontrará um broche com dois signos:

♀ - **Símbolo do feminino (Vênus):** apropriado pelo feminismo, é o escudo do movimento.

▼ - **Triângulo preto:** Um dos emblemas utilizados pelos nazistas para diferenciar os prisioneiros de acordo com seus "crimes", era associado a pessoas consideradas "insociáveis", categoria de grande abrangência. A identificação incluía ativistas políticos, criminosos, drogados, prostitutas, lésbicas e doentes mentais. Virou um símbolo político dos marginalizados, com destaque para a apropriação pelas lésbicas, que o revestiram de um caráter de luta contra a discriminação, e pelos anarquistas, que o usam como símbolo político de sua luta.

A união desses dois símbolos é uma representação das ideias que o CLIT procura promover como zine: acreditamos que a luta feminista não pode negar a conjuntura política no seu discurso, e também que outras lutas populares devem encontrar no feminismo uma base essencial para as propostas de mudança da ordem social.

Neste zine você encontrará um broche com dois signos:

♀ - **Símbolo do feminino (Vênus):** apropriado pelo feminismo, é o escudo do movimento.

▼ - **Triângulo preto:** Um dos emblemas utilizados pelos nazistas para diferenciar os prisioneiros de acordo com seus "crimes", era associado a pessoas consideradas "insociáveis", categoria de grande abrangência. A identificação incluía ativistas políticos, criminosos, drogados, prostitutas, lésbicas e doentes mentais. Virou um símbolo político dos marginalizados, com destaque para a apropriação pelas lésbicas, que o revestiram de um caráter de luta contra a discriminação, e pelos anarquistas, que o usam como símbolo político de sua luta.

A união desses dois símbolos é uma representação das ideias que o CLIT procura promover como zine: acreditamos que a luta feminista não pode negar a conjuntura política no seu discurso, e também que outras lutas populares devem encontrar no feminismo uma base essencial para as propostas de mudança da ordem social.

Neste zine você encontrará um broche com dois signos:

♀ - **Símbolo do feminino (Vênus):** apropriado pelo feminismo, é o escudo do movimento.

▼ - **Triângulo preto:** Um dos emblemas utilizados pelos nazistas para diferenciar os prisioneiros de acordo com seus "crimes", era associado a pessoas consideradas "insociáveis", categoria de grande abrangência. A identificação incluía ativistas políticos, criminosos, drogados, prostitutas, lésbicas e doentes mentais. Virou um símbolo político dos marginalizados, com destaque para a apropriação pelas lésbicas, que o revestiram de um caráter de luta contra a discriminação, e pelos anarquistas, que o usam como símbolo político de sua luta.

A união desses dois símbolos é uma representação das ideias que o CLIT procura promover como zine: acreditamos que a luta feminista não pode negar a conjuntura política no seu discurso, e também que outras lutas populares devem encontrar no feminismo uma base essencial para as propostas de mudança da ordem social.

Neste zine você encontrará um broche com dois signos:

♀ - **Símbolo do feminino (Vênus):** apropriado pelo feminismo, é o escudo do movimento.

▼ - **Triângulo preto:** Um dos emblemas utilizados pelos nazistas para diferenciar os prisioneiros de acordo com seus "crimes", era associado a pessoas consideradas "insociáveis", categoria de grande abrangência. A identificação incluía ativistas políticos, criminosos, drogados, prostitutas, lésbicas e doentes mentais. Virou um símbolo político dos marginalizados, com destaque para a apropriação pelas lésbicas, que o revestiram de um caráter de luta contra a discriminação, e pelos anarquistas, que o usam como símbolo político de sua luta.

A união desses dois símbolos é uma representação das ideias que o CLIT procura promover como zine: acreditamos que a luta feminista não pode negar a conjuntura política no seu discurso, e também que outras lutas populares devem encontrar no feminismo uma base essencial para as propostas de mudança da ordem social.



MINI DICIONÁRIO FEMINISTA

Cavalheirismo (subst. Masc.): Eufemismo adotado para apresentar o patriarcado como algo agradável ao gênero feminino; naturalização da “fragilidade” como um dado biológico, obscurecendo os fatores sociais envolvidos. “Gentilezas” usadas como moeda de troca pela subjugação. Sinônimo de caridade (no contexto capitalista). Ex: a desigualdade social é gerada por acúmulo de capital, logo a caridade se torna uma forma de “atenuar o sofrimento”. Da mesma forma ocorre no patriarcado, onde o cavalheirismo faz a subordinação das mulheres parecer mais aceitável e “recompensadora”. Assim, o machismo ganha ares de “admirável”.

Essencialismo (subst. Abstrato, masculino): Corrente filosófica que explica o mundo e sociedade a partir de uma “essência” imutável; pensamento baseado no platonismo e metafísica (acima do físico), propõe que tudo tem algo de primordial; tende a discutir fenômenos sociais e políticos desconsiderando seu contexto, focando apenas no “objeto”; admite simplificações perigosas. No contexto feminista, o essencialismo reduz a mulher à sua biologia e justifica aspectos da feminilidade construídos socialmente como se fossem “essenciais”, assim, coloca-se toda a opressão exercida pelo patriarcado sobre a mulher como natural e imutável, impedindo sua contestação. Ex: Mulher é delicada, sem iniciativa, vaidosa, desenvolve pouco o raciocínio, é mais frágil, interesseira, emotiva e etc.

Nota: Foi Simone de Beauvoir uma das primeiras a desafiar o essencialismo, com a clássica frase: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Ou seja, a mulher como conhecemos é fruto de construção social, não de qualidades imutáveis inerentes à existência humana.

Misoginia (subst. comum, complexo e coletivo): É o ódio e/ou desprezo pelo “feminino”; base da sociedade patriarcal e falocêntrica, pode ser constatada desde a pornografia até a homofobia (quando homens passam de uma categoria de “ativos” supervalorizados para uma categoria “passiva”, “feminina”, inferior, etc.). Forma de perpetuar a subjugação das mulheres, atestando que todas as formas de expressão femininas são inferiores e/ou repulsivas.

Ex: “Fala que nem homem!”, “Isso é coisa de mulherzinha!”, “Tá parecendo mulher!”.

Patriarcado (subst. masculino): Conceito histórico e político que define o sistema de dominação masculina, fundamentando todos os privilégios dos homens; Domínio do patriarca (pai, marido, homem) sobre a vida particular, pública e os corpos das mulheres, além da tutela sobre os bens da família. É o termo que expõe uma das primeiras formas de opressão humana (homem sobre mulher), capaz de preservar o status quo sem necessariamente estar institucionalizado e declarado publicamente (exceto no caso da religião e seus apêndices dogmáticos que se apropriam da política e da vida privada). É um sistema tão enraizado em nossa sociedade que suas manifestações podem parecer subjetivas e nebulosas, sem uma análise aprofundada.

Ex: “Você vai mesmo sair com esse vestidinho? Vai ser estuprada.”; “EAE GOSTOSA! É lá em casa!”, “Mulher tem que ganhar menos mesmo, eu sustento a casa.”; “E disse Adão: Esta é agora ossos dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, por quanto do homem foi tomada. Gênesis 2:22-23.”; “Tem mulher que gosta de apanhar.”; “Lugar de mulher é no tanque.”; “Casar e ter filhos é o destino de toda mulher”; “Mulher na política? Mas é bonita?”, “Comia ela e o bebê.”; “Mulherada tá muito vagabunda”.